

Apresentação

O primeiro número de 2026 de *O eixo e a roda* reúne um conjunto de estudos que, a partir de perspectivas críticas diversas, examinam problemas da literatura brasileira em diálogo com outras áreas do conhecimento, com a tradição literária e com debates estéticos mais amplos. Os artigos aqui reunidos percorrem diferentes momentos históricos e objetos de análise, contemplando desde o romantismo oitocentista até produções contemporâneas, além de estabelecer interlocuções com campos como as artes visuais, a filosofia e a teoria crítica. Como já havia ocorrido em outros números, a diversidade de abordagens e métodos apresentados aqui é a face mais visível da pluralidade que marca, desde as suas origens décadas atrás, este periódico.

Abrindo o número, o artigo “Forma, intuição e o pensamento gráfico na poética Wladimir Dias-Pino”, de Rogério Câmara, investiga a relação entre poesia, design e princípios geométricos na obra do poeta ligado às experiências da poesia concreta. Em diálogo com as intersecções entre literatura e artes visuais, Victor da Rosa, em “Monstros antigos (Nuno Ramos e o informe)”, examina a produção de Nuno Ramos a partir de um episódio ocorrido na Bienal de São Paulo de 1989, quando parte de suas pinturas sofreu um processo de deterioração provocado pelas condições de exposição. O estudo interpreta esse evento como um momento decisivo para a trajetória estética do artista, identificando, em sua obra posterior, a exploração de um potencial informe que atravessa não apenas suas pinturas, mas também performances e textos literários.

Voltando-se para a articulação entre literatura e crítica, Ivan Marques, em “Das negativas: Machado de Assis e a (auto)crítica modernista”, discute as relações ambíguas estabelecidas pelo modernismo com o legado machadiano. Partindo de textos de Carlos Drummond de Andrade e sobretudo de Mário de Andrade, o artigo examina como as críticas dirigidas a Machado de Assis se articulam a processos de autodefinição estética e de revisão do próprio projeto modernista, revelando o autor de *Dom Casmurro* como uma espécie de “espelho de escritores” diante do qual os modernistas medem e problematizam sua própria posição na tradição literária.

Também interessado em reverificar determinadas visões consolidadas na historiografia literária, Gabriel Esteves, em “Indianismo na primeira década do periodismo romântico (1833–1845)”, analisa a presença relativamente discreta do indianismo nos periódicos literários das primeiras décadas do romantismo brasileiro. A partir do exame de publicações como *Jornal dos Debates* e *Revista Nacional e Estrangeira*, o estudo demonstra que a consolidação do indianismo como emblema da literatura nacional não se deu de modo imediato após a independência política, mas resultou de um processo gradual e marcado por hesitações no interior do campo literário oitocentista.

Já Danielle Freitas Oliveira, ao analisar o livro de poemas *Os corpos e os dias / Bodies and days*, de Laura Erber, propõe uma reflexão sobre a centralidade do corpo na poética da autora. O artigo examina as relações entre corpo, tempo e mundo presentes na obra a fim de compreender as dimensões eróticas e existenciais que atravessam a escrita de Erber. Ademais, Davi Andrade Pimentel, em “Úrsula e o lobo: um diálogo entre Maria Firmina dos Reis e Hélène Cixous”, propõe uma leitura comparativa entre o romance *Úrsula* e a reflexão de Hélène Cixous acerca do chamado “amor do lobo”. A partir desse conceito, o artigo analisa as relações afetivas que estruturam a narrativa de Maria Firmina dos Reis.

O número inclui ainda três estudos que ampliam o arco temporal e conceitual das discussões aqui propostas. Eduardo Beserra dedica-se à poesia de Orides Fontela, investigando as particularidades de uma escrita marcada pela concisão e pela densidade simbólica. A partir da leitura do livro *Rosácea*, o artigo examina a recorrência de formas imagéticas como o “arabesco” e a própria “rosácea”; em outra direção, atento às formas pelas quais a arte elabora experiências coletivas, André Luís Gomes analisa a peça *Milagre Brasileiro*, de Márcio Marciano, considerando as encenações realizadas pelo Coletivo Alfenim e pelo projeto Quartas Dramáticas. O estudo discute como a fragmentação narrativa, a colagem de vozes e o diálogo com procedimentos brechtianos contribuem para a figuração do coletivo na dramaturgia contemporânea, situando o teatro como espaço de elaboração crítica da memória da ditadura civil-militar brasileira. Por fim, Gustavo Ramos de Souza retoma a obra de Machado de Assis a partir da presença do trem e das estradas de ferro como elemento estruturante da experiência moderna. Para tal, o autor mobiliza reflexões de autores como Wolfgang Schivelbusch e Walter Benjamin, e examina de que modo essa tecnologia atravessa os textos machadianos.

Desejamos a todos uma boa leitura,

Carolina Serra Azul Guimarães

Gustavo Silveira Ribeiro